

PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília

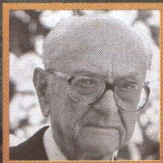


A diversidade sempre foi uma marca de Brasília. Para a sua construção, se uniram o presidente Juscelino Kubitschek, arquitetos, engenheiros, jornalistas, educadores, aventureiros de todas as partes do Brasil. Aqui trabalharam juntos, dividiram espaço e construíram um sonho. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, os construtores e primeiros moradores contam suas lembranças.

**Brasília Bassit
da Costa**



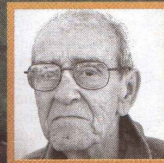
**Cléo Octávio
Pereira**



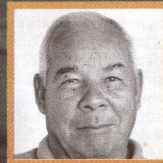
**Nelzira
Moreira**



**Otto Burlier
da Silveira**



**Paulo de
Oliveira**



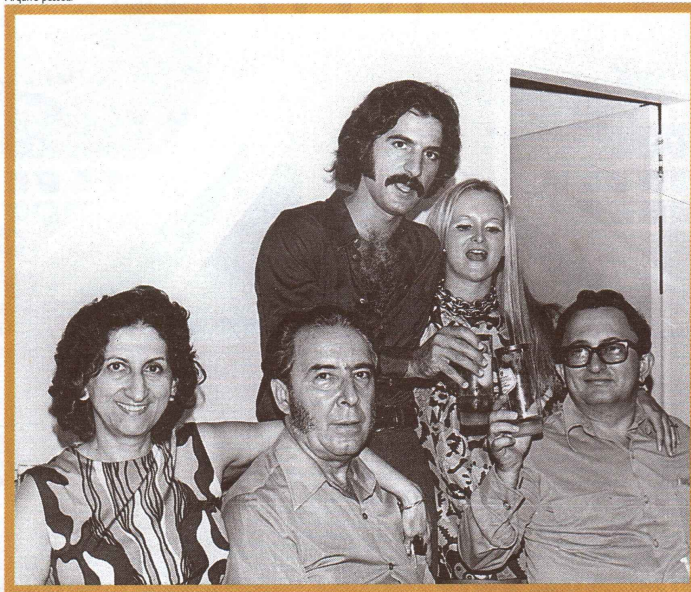
PIONEIROS



Brasília Bassit da Costa

Orgulho de ser xará da capital federal

Arquivo pessoal



BRASÍLIA (E) COM A FAMÍLIA, EM OUTUBRO DE 1972

VINICIUS NADER
ESPECIAL PARA O CORREIO

Aos 84 anos, Brasília continua sendo um exemplo de vida. Mais do que uma previsão, a frase faz parte do presente de uma pioneira da cidade, a dona de casa Brasília Bassit da Costa, que chegou na capital federal em agosto de 1962. Foi um encontro entre duas xarás que se tornaram inseparáveis e que vivem juntas até hoje. “Ter vindo para cá foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido”, afirma Brasília, a pioneira.

Brasília Bassit da Costa veio para a capital federal de Belo Horizonte, acompanhando o marido, Alfredo Lameiro da Costa, funcionário do Banco do Brasil. “Tínhamos acabado de comprar uma casa enorme em Belo Horizonte para poder abrigar com conforto a família de seis filhos, mas o custo para mantê-la era muito grande. Como não queríamos nos desfazer de nenhum dos imóveis que tínhamos em Belo Horizonte, meu marido resolveu vir para cá”, conta dona Brasília.

A pioneira veio com cinco dos seis filhos — o mais velho ficou mais um ano em Minas Gerais para terminar os estudos no colégio militar. A proposta inicial

de Alfredo à esposa era de ficar pela cidade por aproximadamente dois anos, tempo que julgava ser o suficiente para juntar dinheiro e pagar as dívidas deixadas na capital mineira. Os dois anos logo se passaram, assim como passaram três, quatro e quarenta e dois anos. “Quando o tempo se completou meu marido disse que agora poderíamos voltar, ninguém mais queria. Nem eu, nem meus filhos”, diverte-se a pioneira.

A verdade é que a cidade já

havia conquistado toda a família Bassit da Costa. “Aqui eu tinha tudo que não tinha em Minas Gerais. Confesso que sentia um pouco de inveja das mulheres que moravam perto da escola dos filhos lá em Belo Horizonte. Por isso, quando eu cheguei aqui fiquei maravilhada com a escola ser dentro da mesma quadra onde eu morava”, conta a pioneira, que vigiava os filhos da janela da sala de seu apartamento, no bloco I da 308 Sul, endereço onde Brasília mora até

hoje. Mas nem sempre foi assim, pois durante os primeiros 20 dias na cidade, a família Bassit da Costa morou em um acampamento provisório do Banco do Brasil, chamado por seus moradores de Lâmina. “Eram alojamentos de madeira, mas tinham todo o conforto: cinema, roupa lavada, transporte, camas confortáveis e banheiros também. Só não podíamos cozinhar lá porque, como as casas eram de madeira, pegavam fogo facilmente”, lembra a pioneira.

Dona Brasília confessa que sentiu falta dessa “mordomia”, pois durante quase dois anos a família não conseguia arranjar empregada doméstica e era a pioneira quem tinha que dar conta de todos os afazeres domésticos. “As empregadas batiam em nossa porta atrás de serviço, mas não tínhamos como contratá-las porque elas não ofereciam nenhuma referência de emprego anterior”, afirma a pioneira, que até hoje, de vez em quando, se aventura no preparo de delícias árabes.

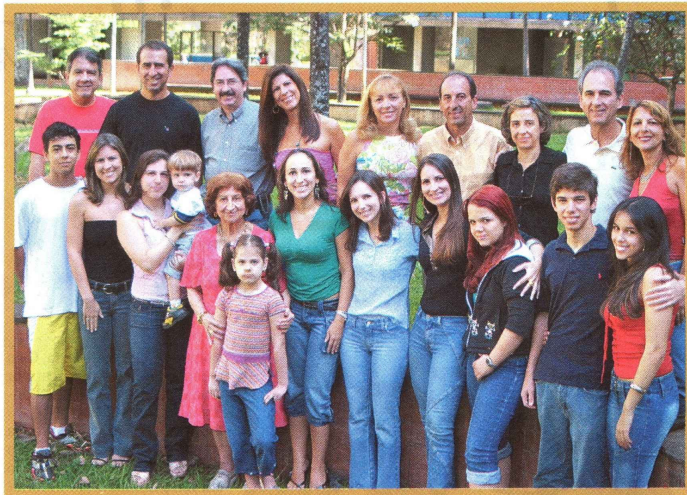
A poeira

Mesmo com toda a poeira de uma cidade em obras constantes, dona-Brasília não se desanimava por um único segundo. “Quando meu marido voltou para Belo Horizonte da primeira vez que veio conhecer Brasília, perguntei logo se tinha poeira por aqui. Ele disse que não e eu acreditei”, conta a pioneira. Mas de cara, ainda durante a viagem de vinda para cá, ela descobriu que não era bem assim. “Quando eu passei pelo Congresso logo vi um daqueles redemoinhos de poeira vermelha tão característicos de Brasília”, conta a pioneira. Outro problema trazido pela poeira era com as roupas, principalmente as das crianças.

PIONEIROS

A homenagem do pai ao Brasil fez com que a pioneira ganhasse o nome da capital federal, antes da cidade existir. Em 1962, por decisão do marido, ela veio morar aqui

“AQUI EU TINHA TUDO QUE NÃO TINHA EM MINAS GERAIS. CONFESSO QUE SENTIA UM POUCO DE INVEJA DAS MULHERES QUE MORAVAM PERTO DA ESCOLA DOS FILHOS LÁ EM BELO HORIZONTE. POR ISSO, QUANDO EU CHEGUEI AQUI FIQUEI MARAVILHADA COM A ESCOLA SER DENTRO DA MESMA QUADRA ONDE EU MORAVA”



Eles voltavam da escola e entravam em casa pela porta de serviço, tamanha a sujeira. “Pareciam aqueles trabalhadores da roça, com as roupas encardidas de poeira”, compara a zelosa dona de casa, que fazia com que eles trisassem a roupa ali mesmo e só entrassem em casa depois de um bom banho nas dependências de empregada mesmo. “Era o único jeito de manter a casa limpa”, conta ela. Por falta de um bom alvejante, as roupas tinham que ficar de molho em água quente.

Outro desconforto trazido pelas obras da construção era o barulho. Nada, é claro, que tirasse dona Brasília do sério. “Meu quarto era virado para a guarita da obra da garagem do meu prédio. A sirene para os trabalhadores tocava às seis da manhã. Mas era bom acordar cedo com aquele barulho gostoso de gente esperançosa”, garante a pioneira. Dona Brasília sempre foi uma defensora voraz da cidade que leva seu nome. “Ninguém falava

— e nem fala até hoje — mal de Brasília perto de mim sem ouvir uma bronca. Já briguei com uma vizinha por causa disso. Perguntei logo a ela se lá na cidade de onde ela veio ela tinha todo esse conforto daqui de graça. É claro que não tinha”, afirma.

Homenagem ao Brasil

Um dos grandes orgulhos de Brasília é seu nome, dado pelo seu pai, um palestino que veio para o Brasil fugido em 1912, em homenagem ao país que o havia acolhido tão bem. Homenagem à revelia da mãe da pioneira, que gostaria que ela se chamasse Vitória, nome pelo qual algumas pessoas da família a chamam. “Várias vezes tentei encontrar Juscelino Kubitschek para dizer a ele que quem inventou Brasília havia sido meu pai, mas sempre o vi de muito longe”, brinca a pioneira. Não era só a pioneira que se orgulhava desse nome. “Meu pai chegou a vir aqui umas duas ou três vezes e saía por aí di-

zendo para todo mundo que tinha uma filha chamada Brasília. Todo orgulhoso de sua homenagem”, lembra, emocionada, a filha, que conta essa história até hoje em supermercados e lojas quando brincam com seu nome.

Chamar-se Brasília rende à pioneira, além de muito orgulho, algumas situações embaraçosas com as quais a dona de casa já está mais do que habituada. É muito comum, por exemplo, as pessoas alertarem a pioneira para um erro, que na verdade não existe. “Uma vez subiu um entregador aqui em casa com a conta do mercado. Ele pediu minha assinatura e quando assinai, ele me disse com toda a paciência que não era para eu escrever a data, mas sim o meu nome”, diverte-se a xará da capital federal, dizendo que isso se repete até hoje. Nessas horas, a pioneira enche o peito de orgulho e diz que seu nome é aquele mesmo: Brasília.

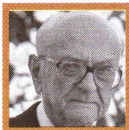
EM HOMENAGEM À CIDADE QUE A ACOLHEU, BRASÍLIA CRIOU UMA NUMEROSA FAMÍLIA NA CAPITAL

Raio X

Nome: Brasília Bassit Lameiro
Idade: 84 anos
Origem: Belo Horizonte, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1962
Profissão: Dona de casa
Estado Civil: Viúva
Marido: Alfredo Lameiro da Costa (falecido)
Filhos: Eduardo, Roberto, Sérgio, Márcia, Patrícia e Fernando.
Netos: Alessandra, Adriana, Roberta, Cristiana, Renata, Gustavo, Leonardo, Mariana, Bruna, Rafael, Daniela e Davi.
Bisnetos: Bruna e Leonardo.



PIONEIROS



Cléo Octávio Pereira

Um sonho compartilhado com a família

Arquivo Público



CLEO COM A
ESPOSA
WILMA, EM
MAIO DE 1972

STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

O ritmo alucinante de trabalho em torno das obras, a sinfonia dos martelos e o vai-e-vem de autoridades, operários e visitantes no início da construção de Brasília ecoavam praticamente em todo o país nas manchetes dos jornais. Era nos jornais dos Diários Associados — *Correio Braziliense* e *Estado de Minas* — e nas revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* que o cirurgião-dentista Cléo Octávio Pereira se inteirava sobre tudo o que acontecia por aqui. Ele colecionava tudo que era divulgado na imprensa. “Nós assinávamos o *Correio Braziliense* e sempre que saía uma reportagem ou foto sobre a cidade, ele recortava para montar um álbum e dizia: Essa será nossa futura cidade!”, lembra a filha Cláudia.

Organizado e sempre dedicado aos estudos, Cléo conheceu cedo o desafio e a responsabilidade de sair de casa para estudar na capital. Nascido em Varginha (MG), assim que concluiu o ginásio se mudou para o Rio de Janeiro, onde se formou em Odontologia na então Universidade do Brasil (atual UFRJ). Com o diploma ainda fresquinho, Cléo resolveu retornar à tranquila cidade de Lavras para trabalhar com o pai, que também era dentista, até a sua mudança para o Planalto Central.

Brasília, assim como aconteceu com muitos pioneiros, ga-

nhou um capítulo especial na vida do mineiro, que depois de casado, já em seus 40 anos completos e com os filhos ainda pequenos, resolveu trocar a vida estável, o consultório odontológico e a boa clientela para se unir aos candangos na realização do sonho de Juscelino. “Eu tinha um grande sonho que era participar da construção de Brasília e criar e educar meus filhos todos juntos. Aqui era uma cidade

que oferecia, além de trabalho, uma boa educação”, declara Cléo. “Meus amigos achavam uma loucura abandonar tudo para começar do zero. Mesmo assim eu sempre dizia comigo mesmo: é para lá que eu vou”, acrescenta. Segundo a filha, ele alimentou a todos com esse sonho. “Como éramos crianças, isso marcou muito nossas vidas.”

Contagiado pelo entusiasmo da inauguração da nova capital,

a um mês da grande festa, Cléo reuniu os amigos para organizar uma viagem até o Planalto Central a fim de conhecer a tão comentada Brasília. “Ele tinha vontade de trazer todo mundo para conhecê-la”. O argumento era sempre o mesmo. “Precisamos conhecer a nova capital do Brasil”. A mobilização deu certo. Num ônibus fretado, eles seguiram com suas esposas rumo ao Cerrado, numa viagem longa por causa das condições das estradas e do veículo, que não era lá essas coisas. O trajeto era bem comprido. De Lavras a Belo Horizonte e de lá para Paracatu, no noroeste mineiro. A chegada foi realmente inesquecível. E não foi por menos. Com as chuvas intensas, o ônibus acabou atolando próximo à rodoviária que ainda estava em obras.

Nessa época, encontrar um quarto no Brasília Palace era praticamente impossível, devido ao grande número de autoridades e políticos na cidade. O Núcleo Bandeirante era a única solução. Lá, um hotel ainda em construção aguardava os visitantes. “Como ele não estava pronto, tivemos de deixar as bagagens na recepção e dar uma volta na cidade”, lembra a esposa Wilma.

O 1º lugar no concurso

Em meados de 1961, o pioneiro desembarcou novamente na cidade para conhecer de perto as maravilhas e oportunidades que a nova capital poderia oferecer. Foram seis meses averiguando

tudo. De volta a Minas, Cléo recebeu de um amigo e conterrâneo, que já morava em Brasília, o edital do concurso para dentistas, promovido pelo IAPC — Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes. De olho na única vaga existente, ele não pensou duas vezes para se inscrever. Para o orgulho da família e dos amigos de Lavras, Cléo passou no concurso, deixando para trás mais de mil candidatos. O sonho de mudar para Brasília se tornava realidade.

Ainda durante sua estada na cidade — para a realização do concurso —, o pioneiro aproveitou para dar uma esticada até a casa do amigo, o professor Hely Menegalle, então presidente da Comissão Administrativa do Sistema Educacional de Brasília, responsável pela implantação do ensino na nova capital. Entre uma conversa e outra, o dentista revelou o seu desejo de mudar para a cidade. Como dizem, Cléo estava no lugar certo e na hora certa. As palavras do amigo ficaram gravadas na sua memória. “Ainda não escolhi meu chefe de gabinete. Você aceita trabalhar comigo?” Dois dias depois ele tomava posse como chefe de gabinete da Secretaria de Educação. Apesar de não ser sua grande paixão, Cléo decidiu voltar a Minas para providenciar a mudança em março de 1962. A esposa Wilma achou melhor aguardar o fechamento do semestre e as férias de julho para se mudar.

PIONEIROS

Aos 40 anos, o dentista decidiu trocar a estabilidade conquistada em sua terra natal para participar da aventura de contribuir para a construção de Brasília

CLÉO E WILMA COM
FILHOS E NETOS
EM MOMENTO DE
COMEMORAÇÃO



“
EU TINHA UM
GRANDE SONHO,
QUE ERA
PARTICIPAR DA
CONSTRUÇÃO DE
BRÁSILIA E
CRIAR E EDUCAR
MEUS FILHOS
TODOS JUNTOS.
AQUI ERA UMA
CIDADE QUE
OFERECIA, ALÉM
DE TRABALHO,
UMA BOA
EDUCAÇÃO”

Enquanto isso, o pioneiro ficou alojado na Casa dos Municípios, na W3 — na altura da 513. A instituição mantinha um vínculo com representantes políticos dos municípios para receber pessoas de todos os estados.

Mesmo atarefado nos serviços da Secretaria de Educação, o pioneiro cuidava da montagem de seu consultório no Edifício JK. “Ele não pretendia continuar na Educação”, confirma a esposa. Ansioso para ocupar a única vaga para a qual fora aprovado, e já com meses de espera,

Cléo apelou para a Presidência da República. “Escrevi um telegrama para o presidente João Goulart manifestando meu descontentamento e o descrédito no concurso público, visto que a vaga já havia sido ocupada por uma outra pessoa”, afirma. No telegrama, segundo a esposa, Cléo também revelava ser “um brasileiro que se preocupava e acreditava no futuro do país”.

Em menos de uma semana, o mensageiro trazia a carta-resposta, na qual o presidente acusava o recebimento e confirmava o preenchimento de forma ilegítima da vaga que ele “tão bem conquistou”. Pouco tempo depois, resolvida a questão, o dentista pediu demissão da secretaria e finalmente pôde colorar em prática a Odontologia na nova capital. De manhã, ele atendia em seu consultório particular, no Edifício JK, e à tarde no IAPC que funcionava no Setor de Autarquias. Durante os 30 anos de profissão, em Brasília, ele conquistou boa clientela. Entre os clientes estavam embaixadores, ministros de Estado e diversas autoridades. Dedicado e atencioso ao que acontecia

na cidade, o cidadão honorário de Brasília encontrava tempo e disposição para atuar na Associação Brasileira de Odontologia (ABO), instituição que ajudou a fundar, e para participar de todos os congressos de Odontologia que eram realizados aqui ou em outros estados.

A mudança da família

A chegada da família, no dia 31 de julho de 62, alegrou ainda mais o ambiente. Agora, estavam todos reunidos novamente. “As crianças ficaram maravilhadas ao ver a grandiosidade das obras, a beleza do Eixo e aquele imenso horizonte”, lembra, saudosamente, Wilma.

Moradia não era problema. Como dentista do IAPC, o pioneiro tinha direito a uma apartamento e a família foram morar na 106 Sul. A mobília, eles trouxeram de Minas num caminhão. Segundo conta Wilma, o apartamento não era grande, mas a vontade de participar da grande obra de Brasília fez com que abrissem mão de todo o conforto para viver na cidade em que tudo estava para ser construído.

“Naquele tempo, haviam obras por todo lado. Para se chegar ao Lago Sul era uma dificuldade. A gente tinha que dar voltas atrás do aeroporto.”

Em 1967, a família deixou o apartamento para morar em um outro maior, mas na mesma quadra. De lá, o casal foi direto para o Lago Sul, onde mora há 27 anos. “Brasília foi uma grande madrastra, (no bom sentido). Ela nos acolheu com grande amor, abrindo suas portas para minha realização profissional e a de meus filhos”, declara Cléo.

As poucas horas de lazer do pioneiro eram reservadas para um passeio no Iate Clube ou para uma partida de tênis. Hoje, aos 83 anos, ele passa seu tempo em casa com a família. Para ele, agora é preciso cuidar desse patrimônio. “Brasília não pode ser abandonada, e sim, preservada com todo o cuidado”. Se depender dos filhos, José Ronaldo, Paulo Octávio e Cláudia, o futuro da cidade está assegurado. A exemplo do pai, eles ministram com determinação o legado deixado por Juscelino Kubitschek.

Raio X

Nome:

Cléo Octávio Pereira

Idade:

83 anos

Origem:

Varginha, Minas Gerais

Ano de chegada a Brasília:

Em 1960 ele veio com a esposa para conhecer,

se mudando definitivamente em

março de 1962

Profissão:

Cirurgião-dentista

Esposa:

Wilma Carvalho Alves

Pereira

Paulo Octávio, Cláudia e

José Ronaldo

Netos:

Paulo Octávio, Catarina,

Felipe, André, Maira e

Ana Gabriela



Nelzira Moreira

No final de 1957, a pioneira na Novacap. Aqui foi pro

Lembranças de um tempo difícil, mas valioso

Arquivo Pessoal



STELA MÁRIS ZICA
ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida que os pioneiros levavam por aqui antes da inauguração de Brasília estava longe de ser um paraíso. Praticamente isolada no meio do cerrado, a primeira impressão que se tinha da cidade não era das melhores, principalmente para aqueles que chegaram bem antes do 21 de abril de 1960. Foi assim com a goiana Nelzira Moreira. Ela chegou na nova capital em novembro de 1957, quando tudo estava no começo. O impacto só não foi maior porque já estava acostumada com o clima de fazenda no interior de Goiás.

Filha de fazendeiro, Nelzira era quem espantava os pássaros que ameaçavam o arrozal e ajudava a família no preparo do açúcar e na fabricação da farinha. Mal sabia a pioneira quanto a sua vida mudaria com a transferência para Brasília, após o casamento com o também goiano Donato de Araújo Bruno, futuro empregado da Novacap. “Depois que nos casamos ele veio, por volta do mês de junho, e eu fiquei em Silvânia (*cidade natal da pioneira*) até ele conseguir uma moradia”, lembra a então moradora da Candangolândia.

Logo na chegada a Brasília, ela sentiu na pele a mudança brusca do clima. A segura e a poeira constante a atingiram em cheio. “Eu peguei um resfriado forte e

fiquei doze dias acamada. A gente não tinha paz com aquele vento e adoecia mesmo. Quando os caminhões de terra passavam na rua aí é que a poeira aumentava. Muita gente jogava água com a mangueira ao redor da casa para aliviar um pouco”. As crianças eram as que mais sofriam com o clima seco e o calor das residências. “Juscelino, uma vez, ordenou que trocassem todas as construções de lona da Candangolândia, por outras de madeira (naquele tempo tinha muita madeira aqui) para evitar a desidratação das crianças por causa do calor”, explica.

Segundo a moradora da “Candangão”, vinha muita poeira de uma cerâmica que ficava lá perto e das obras do aeroporto que naquele tempo só tinha

uma pista. “Quando cheguei, as máquinas estavam fazendo a terraplanagem do aeroporto. Era caminhão pra todo lado e engenheiros de todas as regiões do país. Eles moravam ao lado das obras e suas casas eram as melhores da região, construídas em madeira, tinham jardim, calçada e eram bem pintadas. O local era todo arborizado”, descreve com detalhes.

AVila Operária

A rusticidade do ambiente e o modo arcaico de funcionamento da maior parte dos serviços traduzem a dificuldade dos primeiros anos da construção de Brasília. A pioneira é do tempo em que a Candangolândia era chamada de Vila Operária e que o abastecimento de água era fei-

to por canos soltos que traziam água do córrego.

As compras naquele tempo eram feitas em sacos e anotadas nas antigas cadernetas no mercado da Subsistência, que ficava ao lado da Guarda Especial de Brasília — GEB. “Eu levantava às 4 horas da manhã e ficava na fila esperando a porta do mercado abrir. Mas também lá tinha de tudo. O limite de compra era de acordo com o salário. Quando meu marido recebia o vencimento era feito o desconto”, conta a esposa do armazenista da Novacap. “Donato trabalhava na Divisão do Material e era quem cuidava do recebimento e do depósito dos materiais que chegavam na Novacap”, conta orgulhosa. No mercado, a pioneira era obrigada a enfrentar três fi-

UM DOS PRIMEIROS EMPREGOS DE NELZIRA NA CAPITAL FOI COMO PROFESSORA DA ESCOLA II, NA INVASÃO DO IAPI

las. “uma para pegar o número da caderneta que ficava com eles, outra para fazer as compras e uma última para receber as mercadorias. Eu só voltava para casa lá para o meio-dia”.

Feitas as compras, Nelzira ainda tinha que contar com a boa vontade e a solidariedade dos motoristas de caminhão que circulavam no local a caminho do almoço. “Quando a gente precisava de uma coisa melhorzinha como um sapato ou tecido, fomos até a Cidade Livre (*Núcleo Bandeirante*), que parecia um formigueiro aos sábados, por causa do comércio e do cinema, que eram bastante procurados”.

Foi durante uma de suas idas à loja Teatro dos Tecidos, na Cidade Livre, que Nelzira viu de perto o incêndio que ela jamais conseguiu esquecer. “Eu estava olhando uns tecidos quando um rapaz do lado de fora me puxou. O fogo começou numa loja ao lado e foi aumentando até atingir a sapataria Galo Vermelho”. Ela conta que até o galinho de vidro (que deu o nome à sapataria e ficava na cumeeira) estourou com o fogo. “Foi horrível”.

Primeiro emprego

O primeiro trabalho da pioneira na nova capital foi como professora primária na Escola Interplanetária e na escola Sara Kubitschek, aproveitando o diploma de normalista. As dificuldades daquele tempo estavam

meira chegou a Brasília acompanhando o marido, que veio trabalhar professora, auxiliar de enfermagem e se aposentou como enfermeira

NELZIRA COM A FAMÍLIA: UMA VIDA DE DIFICULDADES E VITÓRIAS EM BRASÍLIA



“**QUANDO A GENTE PRECISAVA DE UMA COISA MELHORZINHA, COMO UM SAPATO OU TECIDO, ÍAMOS ATÉ A CIDADE LIVRE (NÚCLEO BANDEIRANTE), QUE PARECIA UM FORMIGUEIRO AOS SÁBADOS, POR CAUSA DO COMÉRCIO E DO CINEMA, QUE ERAM BASTANTE PROCURADOS**”

também dentro das salas de aula. As crianças sentavam em cima de tijolos porque não havia carteiras. “Na época de chuva então, inundava tudo. Um dia tivemos de deixar a escola porque não tinha condições de dar aulas com aquela quantidade de água”. A professora conta ainda que quando lecionava na Escola II, na invasão do IAPI, enfrentava sol e chuva para chegar até a

escola. “Ela ficava atrás do Hospital do IAPI (o HJKO, hoje Museu da Memória Candanga). Era muito longe”. Durante a gestação da primeira filha, ela achou melhor deixar a escola e ficar em casa para a alegria do marido. “Ele não gostava muito que eu trabalhasse fora”. Enquanto lecionava, Nelzira também dava o duro nos bancos escolares. À noite ela frequentava o curso técnico de Contabilidade.

Depois de muita luta, a pioneira conseguiu um emprego bom como auxiliar de enfermeira ao lado de médicos de renome como José Richelieu de Andrade Silva e Ney Blazio. O gosto pela nova profissão lhe incentivou a fazer mais dois cursos — o de auxiliar e o de técnica de Enfermagem. Daí em diante, a enfermeira não parou. Anos mais tarde resolveu fazer o concurso para o Hospital de Base e foi aprovada. De lá, ela só saiu depois de aposentada.

Segundo a pioneira, no início as dificuldades deixavam os moradores um pouco desconfiados quanto ao futuro da cidade, mesmo com a presença das construtoras e dos operários que traba-

lhavam dia e noite. Com o passar do tempo, a desconfiança deu lugar ao entusiasmo e à confiança e a vida do casal foi progredindo com o trabalho.

A residência na Candangolândia, onde moraram durante 30 anos, ganhou até área de serviço e cercado. “No início nossa casinha tinha apenas dois quartos, sala, cozinha e banheiro, depois fizemos uma reforma porque as madeiras estragavam com facilidade e aumentamos para três quartos, uma área de serviço, cozinha, banheiro e um cercadinho”, contabiliza.

Lebranças de Pelé

Da casa, na Candangolândia, ela e o marido ouviam a animação que vinha de um campinho de futebol ao lado, o campo Israel Pinheiro, onde os operários costumavam jogar uma pelada. De vez em quando, vinha até times de fora. “O Santos veio uma vez jogar aqui. Os jogadores vieram de ônibus e o Pelé de helicóptero. Naquela época, ele já era famoso. Até hoje me lembro da roupa dele. Era cara, um conjunto de banlon marrom escuro. Mas ele só usava a parte debaixo,

uma camisetinha de gola redonda. Eu fiquei com vontade de ter uma, mas não podia comprar. Só depois de muito tempo é que consegui comprar uma igual e até da mesma cor”, lembra.

Vizinha do maior restaurante comunitário da cidade —, o SAPs, Nelzira conta que na hora do almoço, a Candangolândia fervilhava de gente e servia até de ponto de encontro das famílias nordestinas que vinham para visitar os parentes que trabalhavam na construção da cidade. “Todos os operários comiam lá. Chegavam caminhões e caminhões de trabalhadores para almoçarem. As mulheres do Nordeste vinham com seus filhos nos paus-de-arara para cá e como aqui era tudo muito espaçado, construções para todo lado e sem condução direito, elas iam para a porta do SAPs encontrar os maridos”.

Foi no restaurante também que a pioneira teve a surpresa de apertar a mão do presidente Juscelino Kubitschek. “Ele deu uma festa para os trabalhadores da Novacap no dia 1º de maio no restaurante. Juscelino andava à vontade no meio de todo mundo. Aí ele pegou na minha mão me cumprimentando e depois pegou minha filha nos braços. Hoje fico procurando para ver se acho alguma foto minha com ele no Memorial JK, mas nunca acho. Naquele tempo a gente não ligava muito para foto e também só havia lambe-lambe e aqueles jornalistas”, comenta. Para animar a festa, Juscelino trouxe artistas do Rio de Janeiro como Ivon Cury, Jorge Cury, César de Alencar, Carlos Mattos, João Dias e Adelaide Chiuso, que divertiram os participantes.

Raio X

Nome: Nelzira Moreira
Idade: 65 anos
Origem: Silvânia, Goiás
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Enfermeira
Estado civil: Viúva de Donato de Araújo Bruno
Filhas: Irandiaia e Adanis
Netos: Rodrigo e Luíza

PIONEIROS



Otto Luiz Burlier da Silveira

Um dedo do pioneiro em cada construção

Arquivo Pessoal



QUANDO OTTO CHEGOU, EM 1957, A ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS AINDA NEM EXISTIA

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

“Toda Brasília tem meu dedo, Niemeyer não fazia nada sem me consultar.” O empresário Otto Luiz Burlier da Silveira, 82 anos, não exagera quando afirma que o seu trabalho foi fundamental na construção de Brasília. Exímio conhecedor de materiais de construção, os engenheiros da Novacap e das grandes construtoras que aqui se instalaram na década de 50 recorriam a ele na hora de escolher e encomendar os produtos para as obras. O talento na maneira de indicar e especificar as vantagens das marcas e dos materiais fez com que, em pouco tempo, conquistasse a confiança do arquiteto Oscar Niemeyer.

Proprietário da Fornecedora Ideal, no Rio de Janeiro, Otto enfrentava uma profunda crise nos negócios quando recebeu o convite do Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores dos Estado (Ipase) para instalar-se no Planalto Central. Na época, Brasília era “terra de índios” para a maioria dos cariocas, que não apoiavam o projeto de mudança da capital federal para cá. O convite do Ipase foi feito por engenheiros que já conheciam o trabalho de Otto na Cidade Maravilhosa.

Casado e pai de quatro filhos em 1957, o pioneiro aceitou o convite imediatamente. Nos primeiros cinco meses aqui, ficou

hospedado no hotel Santos Dumont, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). “A cidade era uma rua apenas com construções de madeira e poeira”, conta. “Parecia um faroeste americano com jipes no lugar de cavalos”, brinca.

O trabalho do pioneiro era auxiliar os engenheiros da Novacap a escolher e comprar materiais como ferro, concreto, telhas e metais. “Eu levava os catálogos e especificava os produtos”, explica. Sua empresa, montada em um barracão na Cidade Livre, foi aberta com o nome de Fornecedora Otto Ltda. (FOL).

Em 1957, a vantagem de viver no Planalto Central, para os que tinham disposição para o trabalho era que a precariedade fazia com que todo se transformasse

em atividade lucrativa. Otto, com seu espírito empreendedor, percebeu logo isto e não deixou de aproveitar a chances que lhe apareciam. Assim, além de indicar os materiais de construção, recebendo comissão das marcas pela venda, também trabalhou com o fornecimento de areia, que retirava com uma draga instalada no rio Corumbá, e o comércio de água para os acampamentos. “Faltava tudo na cidade, até água”, diz. “Então eu comprei um caminhão pipa e o abastecia em uma fonte próxima à Candangolândia”, completa.

Acampamento

Em 1958, Otto foi convidado a morar no acampamento da empreiteira Kosmos Engenharia,

que construía a quadra 106 Sul para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes (IAPC). A mudança possibilitou a vinda da família. Não havia mais possibilidade de volta ao Rio de Janeiro. O pioneiro sabia que o futuro do país estava aqui. “Nunca duvidei do progresso desta cidade”, afirma quem até hoje se emociona ao falar de Juscelino Kubistchek.

No acampamento, Otto se sentia à vontade no clima de camaradagem e companheirismo entre operários, engenheiros e seus familiares. “Não havia separação de classes, todos comiam e viviam juntos”, diz.

A relação com Niemeyer tornava-se cada vez mais próxima. “Andava para cima e para baixo

com ele”, afirma. O contato com os engenheiros e arquitetos da maior obra brasileira já vista garantiu à FOL cerca de 50 representações de marcas como La Font, Sica, Kalha Tekno, Metais Albion etc. As fábricas, acionadas pelas encomendas de Brasília, tinham que trabalhar um mês exclusivamente para atender os pedidos da nova capital. Tudo era colossal. A FOL ganhou novo nome — Representações Otto Ltda. (ROL).

Paralelo à venda das mercadorias, Otto continuava encontrando novas formas de ganhar dinheiro. Uma delas foi a venda de madeira para os acampamentos de obras. “Cheguei a receber 50 caminhões de pinho por dia durante algum tempo”, conta. O material vinha de Santa Catarina. O empresário ganhava comissão na venda e no transporte, indicando as empresas que fariam o trajeto da madeira até Brasília.

Inauguração

Na inauguração da cidade, em 1960, Otto era pura emoção. “Aquilo foi tudo para mim, foi impressionante, eu chorava o tempo todo”, revela. Para onde se olhasse, havia participação do empresário — no Brasília Palace, no Congresso Nacional, nas superquadras.

Otto sugeriu e encomendou materiais para empresas como Pederneiras, Nacional, Cristiane Nielsen, Estacas Frank, Rabelo,

PIONEIROS

O tino para o comércio e o conhecimento de materiais de construção fizeram com que o empresário fosse convidado pelo Ipase para vir à capital em construção

MM Quadros, SIT (Sociedade de Instalações Técnicas), Marconi Engenharia e EBE (Empresa Brasileira de Engenharia). O empresário que chegara falido no Planalto Central, em dois anos havia se recuperado financeiramente a ponto de fazer viagens constantes à Europa.

Do acampamento da 106 Sul, o pioneiro pôde mudar-se com a esposa Wanda Wright (falecida) e os filhos para uma casa na W3, na altura da quadra 710 Sul. O imóvel foi comprado da Fundação da Casa Popular, que construía as casas a fim de acomodar os profissionais que viviam em Brasília mas não eram funcionários do governo federal e, portanto, não tinham direito aos apartamentos funcionais.

Em 1961, com a entrada e renúncia de Jânio Quadros, o setor de construção passou por uma crise na cidade e muitos investidores tiveram que deixar Brasília com medo do retorno da capital para o Rio, de que tantos falavam. Otto não teve problemas, porque não havia outra pessoa na cidade com o conhecimento técnico e a habilidade no explicar e ainda havia "muito a ser concluído".

Por conta disto, o empresário participou ativamente da construção da Universidade de Brasília, conquistando mais uma personalidade da nova capital — o professor Darcy Ribeiro. "Eu tinha orgulho quando ele me dizia que me colocaria para dar aula de Consultoria em Materiais de Construção na Faculdade de Arquitetura", conta.

Clube do Cinema

A vida em Brasília, apesar das horas de intenso trabalho, tam-

bém reservava momentos para o entretenimento e o lazer. Otto era frequentador assíduo do Brasília Palace Hotel e integrou o grupo formado por nomes como Bayma Carvalho, Pery da Rocha França, Carlinhos Peirão e a colonista social Katucha, que se batizou Clube do Cinema. "Nós trazíamos filmes alugados no Rio e em São Paulo para assistirmos aqui, daí o nome", explica.

O mesmo grupo foi responsável pela fundação do clube Cota Mil, um dos primeiros da cidade. "Conseguimos o terreno e construímos uma palafita na beira do Lago Paranoá, que ainda estava enchendo", diz. "Havia umas marcações nas palafitas de modo que podíamos observar a subida do nível da água", conta. Dos primeiros sócios do Cota Mil, Otto é o único ainda vivo e tem a carteirainha de número 1 da agremiação.

O pioneiro também foi um dos primeiros moradores do Lago Sul, em 1965. O terreno na QI 5 foi comprado sem pretensão, apenas porque era barato demais. O empresário só percebeu que o investimento poderia ser algo significativo no futuro quando um funcionário da Novacapp perguntou-lhe se não ven-

“**FALTAVA TUDO NA CIDADE, ATÉ ÁGUA. ENTÃO EU COMPREI UM CAMINHÃO PIPA E O ABASTECIA EM UMA FONTE PRÓXIMA A CANDANGOLÂNDIA**”

deria o lote. "Achei que se ele queria comprar era porque percebia que aquele fim de mundo valorizaria, então comecei a construir minha casa", diz.

Grandes vendas

Otto é um desses vendedores natos, talentos raros que sabem

como ninguém convencer um cliente e deixá-lo sempre satisfeito. O ofício não foi aprendido em bancos de universidade, pois o carioca só pôde completar o ensino médio. Otto iniciou a carreira no comércio ajudando o pai atrás do balcão de uma farmácia, no Rio de Janeiro.

Em Brasília, seu talento pôde ser exercitado ao máximo. Das grandes vendas realizadas aqui, ele cita duas, sempre com bom humor e nem um pouco de falsa modéstia. Uma delas foi feita para o Corpo de Bombeiros. A companhia compraria uma viatura, importada da Alemanha, e terminou encomendando 30 unidades.

A outra é responsável por uma das coisas mais interessantes no prédio da Câmara dos Deputados: a esteira rolante que liga a Câmara ao Anexo 3. Na oportunidade, alguém comentara com ele sobre as idas e vindas que os deputados tinham que fazer para se locomover entre os prédios e Otto deu a idéia de fazer a ligação entre os corredores a uma esteira, que foi importada da Inglaterra. Os arguimentos utilizados pelo carioca convenceram mais uma vez o escritório de Niemeyer e a venda foi realizada.

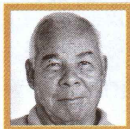


OTTO COM A FAMÍLIA: ALEGRIA DE VIVER NA CAPITAL

Raio X

Nome: Otto Luiz Burlier da Silveira
Idade: 82 anos
Origem: Rio de Janeiro
Profissão: Empresário
Ano de chegada a Brasília: 1957
Esposa: Maria Luíza Ribeiro Burlier da Silveira
Filhos: Lilian, Roberto Luiz, Antônio Luiz, Ângela, Cláudia, João Luiz, Luiz Felipe, Bárbara, Otto Filho, Izabelle, Lillianne
Netos: Marco Antônio, Adriana, Claudine, Vanessa, Christian, Natasha, Alessandra, Raphael Luiz, Alexandre, Ana carolina, Flávia, Raphaela, Marcela, Henrique, Fernando, Diogo, Andrea, Victor e Jaqueline
Bisnetos: Caterine, Luiz Eduardo, Nicolas, Andarella, Max e Christoffer

PIONEIROS



Paulo de Oliveira

Dois turnos de trabalho até a inauguração da cidade

VINICIUS NADER

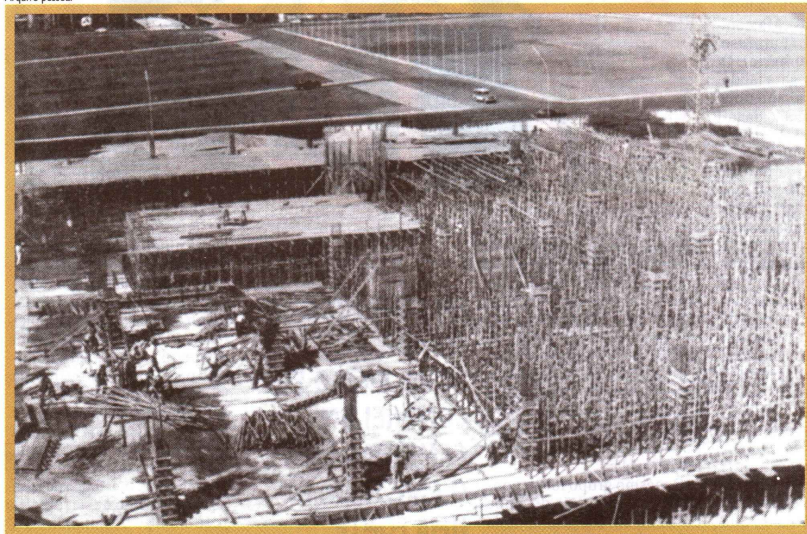
ESPECIAL PARA O CORREIO

O ano era 1958 e o pioneiro Paulo de Oliveira já estava cansado de pular de emprego em emprego no Rio de Janeiro. Por isso, nem hesitou quando lhe passou pela cabeça pegar o trem na Cidade Maravilhosa para, depois de seis dias de viagem, chegar a Anápolis e finalmente chegar em Brasília. Uma viagem cansativa, mas que valeu a pena. “Mesmo de trem pude perceber pela estrada o que me esperava. Era só mato ou poeira e muito buraco, pois as estradas de ligação para Brasília ainda não estavam totalmente prontas”, lembra Paulo.

Nem mesmo alguns boatos desanimavam o jovem que veio para cá sem conhecer ninguém e sem ter nem ao menos onde morar. “As pessoas no Rio de Janeiro diziam que havia em Brasília uma cerca separando os trabalhadores de índios selvagens que nos atacavam”, conta o pioneiro, aos risos.

Quando Paulo chegou ao que seria a nova capital, logo percebeu que havia feito uma escolha das mais acertadas. “Na estrada de Anápolis para cá já vi que as oportunidades de emprego aumentavam. Mas aqui era impressionante. Em toda esquina havia faixas de construtoras precizando de

Arquivo pessoal



trabalhadores”, diz Paulo. Assim, o pioneiro entrou com a cara, a coragem e a carteira de trabalho no acampamento da Construtora CH para pedir emprego e saiu de lá já com o trabalho registrado na carteira. Ele foi ser ajudante de armador na construtora, profissão que Paulo veio conhecer aqui.

A preocupação com a qualidade da construção da capital federal era tanta que alguns materiais dificultavam a vida dos menos experientes na construção civil. Era o caso do material usado nas estruturas metálicas do Congresso e dos ministérios. “Setenta por cento do material

era de aço. Por isso, a gente não podia errar, pois se tentássemos voltar o aço depois de ter torcido uma vez, ele se quebrava. Quebrei várias vigas no meu primeiro dia. Em uma dessas vezes até caí sentado”, diverte-se. A falta de experiência na profissão fez com que ele fosse promovido em menos de uma semana. “Como eu era um dos únicos que sabia escrever, logo fui escrever as medidas previstas nas plantas nas tábuas e ferragens usadas na construção”, afirma.

A alfabetização também rendeu ao pioneiro um trabalho extra nos finais de semana. “Passava meu tempo livre, que

já era pouco, escrevendo cartas para os colegas que não sabiam escrever. Assim, eles podiam mandar notícias para seus familiares”, conta Paulo, que não tinha “coragem” de cobrar pelo serviço e recebia de vez em quando um maço de cigarros em troca das cartas.

Como a cidade tinha data marcada para ser inaugurada, o ritmo das obras era alucinante. “Não tinha dia, nem noite. Trabalhávamos sem parar”, confirma Paulo, que dividia seu tempo entre a construção dos ministérios e a Barragem do Paranoá. Por causa do ritmo de trabalho, o cansaço dos pioneiros

estava estampado na face e nos atos de cada um. “Uma vez estava trabalhando na construção do Ministério da Justiça e simplesmente caí em cima de um monte de britas, já dormindo”, conta Paulo. O pioneiro estava tão cansado que nem se lembra de quanto tempo dormiu. “Ainda bem que entenderam e não cortaram meu ponto”, afirma.

Dificuldades

Tanto trabalho fazia com que Paulo não tivesse tempo nem mesmo para ver os defeitos e dificuldades da cidade. E não eram poucos. “Morava no acampamento da construtora, que não

PAULO PARTICIPOU DA CONSTRUÇÃO DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA PARA TORCER AS VIGAS DE AÇO

PIONEIROS

Cansado da instabilidade profissional no Rio de Janeiro, o pioneiro resolveu tentar a vida na nova capital. Aqui nunca faltou trabalho e foi em Brasília que ele casou e constituiu família

PAULO E IRACEMA
COM A FAMÍLIA:
CERTEZA DE QUE O
PROGRESSO ESTAVA
EM BRASÍLIA



“
UM COLEGA
MINEIRO DIZIA
SEMPRE QUE IA
NA PADARIA
COMER UM
TREM NO CAFÉ
DA MANHÃ.
EMBORA
SOUBESSE QUE
NÃO SE TRATAVA
DA LOCOMOTIVA,
NÃO SABIA O
QUE ERA E
FICAVA SEMPRE
MUITO CURIOSO.
UM DIA RESOLVI
ACOMPANHÁ-LO
E DESCOBRI QUE
ERA O MESMO
BOLO MARTA
ROCHA COM
CAFÉ QUE EU
COMIA TODOS
OS DIAS”

tinha nem cama. A gente dormia em uma tábua mesmo, mas o sono era tanto que parecia a melhor das camas”, lembra o pioneiro, acrescentando que o acampamento também não tinha luz e nem água. “Usávamos a água do córrego que passava ali perto do acampamento mesmo para tomar banho e fazer café. Mas não tinha problema nenhum, pois ele não era poluído como é hoje”, comenta.

Assim como Paulo de Oliveira fez, muitos brasileiros de muitas partes diferentes do Brasil saíram de sua terra natal em direção a Brasília. O resultado foi uma miscigenação ímpar no país, com um encontro cultural que, muitas vezes, se tornava um verdadeiro desencontro e que acabou se tornando uma marca de Brasília. “Um colega mineiro dizia sempre que ia na padaria comer um trem no café da manhã. Embora soubesse que não se tratava da locomotiva, não sabia o que era e ficava sempre muito curioso. Um dia resolvi acompanhá-lo e descobri que era o

mesmo bolo Marta Rocha com café que eu comia todos os dias”, lembra o pioneiro.

Vila Amauri

Depois de morar no acampamento, Paulo foi para a casa dos futuros sogros, pais de Iracema Lopes de Oliveira, sua esposa até hoje. Eles moravam na Vila Amauri, cidade que o pioneiro classifica como “a maior cidade que havia no DF. Era tudo muito bonito lá”, lembra Paulo. Mas morar na Vila Amauri era uma aventura com data marcada para acabar. “Quando deram os lotes para os moradores avisaram que o local não era definitivo. Muita gente não acreditou, mas não teve jeito porque a cidade estava onde hoje é o Lago Paranoá”, conta Paulo. O pioneiro resalta que os moradores de lá não foram simplesmente despejados pelo governo. Eles foram transferidos para Sobradinho, Planaltina e Taguatinga. A opção de Paulo e Iracema foi a primeira, mas eles não ficaram muito tempo por lá. “A gente não tinha como morar em uma

casa muito pequena por causa dos nossos filhos. Como eu não tinha condições de ir para o Plano, acabei conseguindo uma casa boa no Guará”, conta.

Além de emoção e felicidade, o dia da inauguração trouxe — como não poderia deixar de ser — muito trabalho para Paulo de Oliveira. Mas dessa vez a recompensa financeira veio no mesmo dia. “Nunca ganhei tanto dinheiro na minha vida como naqueles três dias”, atesta Paulo, que vendeu refrigerante na Esplanada dos Ministérios nos dias 19, 20 e 21 de abril. Utilizando-se de toda a sua malandragem carioca, Paulo acabou ganhando mais do que estava previsto com a atividade. “Tinha muita gente bacana na cidade naqueles dias. O preço do refrigerante era dado de acordo com a cara do freguês”, revela, aos risos, o pioneiro. O sucesso do refrigerante vendido por Paulo era tão grande que no dia da inauguração um parlamentar comprou todas as garrafinhas dele e o convidou para distribuí-las em pleno Palácio do Planalto.

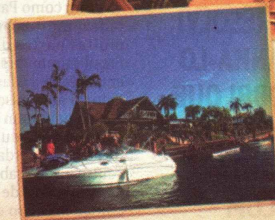
Raio X

Nome: Paulo de Oliveira
Idade: 68 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: aposentado
Esposa: Iracema Lopes de Oliveira
Filhos: Divino, Sueli, Sylvania, Diovanio, Sandra, Divanildo e Sãmara
Netos: Izabela, Beatriz, Ana Regina, Guilherme, Tainá, Ana Carolina, Geovana, Aline, Juliana e Felipe
Bisnetos: Lucas

BRASÍLIA RECEBEU DE ASAS ABERTAS A FAMÍLIA DO JAIME.

O Jaime veio do Rio com a família conhecer o DF. No começo fizeram o roteiro oficial: Esplanada dos Ministérios, Palácios, Catedral, Ponte JK, Praça dos Três Poderes. Até aí, nenhuma surpresa. Encontraram uma cidade linda, de arquitetura impressionante, digna do título de Patrimônio da Humanidade. Mas a novidade veio mesmo quando o Jaime descobriu que, por trás da solene Capital da República, há uma **cidade divertida e vibrante**. Uma cidade com 64 parques, sendo 11 deles abertos ao lazer e à prática de atividades físicas. Várias cachoeiras e passeios ecológicos. Um lago limpo, bem cuidado e cheio de atrações. Uma cidade repleta de feiras, bons restaurantes, centros culturais, shoppings, boates e bares. Depois de uma semana, o Jaime foi embora com a mulher e a filha. Mas, pode ter certeza, foi com aquele gostinho de quero mais.

TURISMO NO DF.
MUITO PARA VER, FAZER E CURTIR.



Secretaria de Turismo

Agência de Desenvolvimento
Econômico e Comércio Exterior

